

EM BUSCA DA UNIDADE: ASPECTOS DO ECUMENISMO E DO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

Fábio Carlos de Araújo¹⁴

RESUMO

Este artigo foi realizado para apresentar alguns aspectos sobre o ecumenismo que é a relação da Igreja com os cristãos e alguns aspectos sobre o diálogo inter-religioso. Baseado nos documentos do Concílio Vaticano II e nos documentos do Magistério da Igreja o trabalho busca revelar os benefícios e os malefícios do diálogo iniciado há muitos anos e hoje em dia está sendo cada vez mais intensificado. A pesquisa resultou da combinação dos pensamentos de vários autores e certa ênfase sobre os progressos ecumênicos no Brasil através da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. A ênfase maior será no ecumenismo e como consequência foi tratado o diálogo inter-religioso.

Palavras-chave: ecumenismo, diálogo inter-religioso, unidade, cristãos, religiões.

INTRODUÇÃO

“Para que todos sejam um”(Jo 17, 11). Este é o apelo de Jesus na Oração Sacerdotal, um fortíssimo chamado à unidade.

Hoje, num mundo tão diversificado, vemos tantas coisas positivas e negativas por causa deste pluralismo. Um ponto negativo seria a pluralidade das religiões, seitas, denominações, igrejas, comunidades eclesiais ou outros termos usados. Reconhecemos, por isso, que a busca pela unidade é um

¹⁴Licenciado em Filosofia e Bacharel em Teologia pela Faculdade Católica de Anápolis; pós-graduado em Docência Universitária pela Faculdade Católica de Anápolis; pós-graduando em Liturgia; pós-graduando em Filosofia Clínica na Faculdade Católica de Anápolis; docente nas áreas de Filosofia e Teologia na Faculdade Católica de Anápolis.

caminho muito árduo e desafiador para todos os cristãos de boa vontade que tentam corresponder ao apelo de Jesus Cristo.

Este artigo tratará sobre o Ecumenismo. Não iremos esgotar os conteúdos e assuntos que poderíamos imaginar com relação ao tema, pois foram escritos muitos e muitos livros sobre ele como poderemos verificar na Bibliografia. Aqui gostaríamos apenas de dar um apanhado geral sobre o tema, mostrando especialmente aquilo que após o Concílio Vaticano II se pensou e escreveu sobre nossa temática.

Sabemos que o Ecumenismo é um tema muito abrangente e não é possível, nestas breves páginas, esgotá-lo. O limite deste artigo será tentar definir o Ecumenismo para termos as distinções necessárias e assim compreender e mostrarmos o esforço da Igreja Universal e da Igreja no Brasil de praticá-lo. Faremos isto através dos documentos da Igreja Universal e da Igreja no Brasil.

Será tratado, de forma bem sucinta, o diálogo inter-religioso, pois além do trabalho feito com os outros cristãos, também existe um trabalho feito com os membros de outras religiões, trabalho que se assemelha muito com o ecumenismo, mas que possui seus pontos conflitantes próprios, pois quando não temos a mesma crença em Jesus Cristo, o diálogo já fica mais difícil. A abordagem se dará para eximir qualquer dúvida entre a diferença de ecumenismo e diálogo inter-religioso e mostrar que neste campo também existe grande esforço rumo à unidade, pois esta unidade não é proposta apenas aos cristãos, mas a todos os homens de boa vontade.

Que sejamos impelidos a responder generosamente ao apelo de Nosso Senhor Jesus Cristo: “Para que todos sejam um”(Jo 17, 11).

ECUMENISMO

ASPECTOS PRELIMINARES

“O termo ecumenismo provém do grego *oikoumene* que, por sua vez, encontra sua raiz no substantivo *oikós* (casa, habitação) e no verbo *oikein* (habitar)” (HORTAL, 1996, p. 11).

Forma-se de “ecumene”, termo que significou na cultura antiga “o mundo habitado” e, depois, por natural derivação, “o mundo civilizado”. Na Sagrada Escritura o termo coloca-se, por vezes, de matiz religioso, vindo a significar “o mundo de que Iahvé é o Senhor”, “o mundo submetido ao juízo de Deus”, “o mundo a vir”, o mundo dos tempos messiânicos (VILLAIN, 1962, p. VII-VIII).

Seu significado inicial era casa, habitação, ou seja, aqueles que faziam parte da mesma Igreja, da mesma casa, por isso os Concílios foram chamados ecumênicos, não porque tinham outros membros de outras igrejas, mas porque reuniam todos da mesma Igreja. Ao longo dos anos o termo foi tomando novo significado, passando de apenas geográfico para cultural-religioso e até político. Não iremos inserir a evolução do conceito mas apenas o que significa nos dias atuais. Eicher (2005) faz uma completa consideração sobre a evolução do conceito ecumenismo.

No século XX o conceito ecumenismo transformou-se bastante daquele que originalmente era e passou a designar a “doutrina das iniciativas que visam a reconstrução da unidade entre os cristãos” (GUIA ECUMÊNICO, 2003, 1964). Já não se refere tanto mais aos que fazem parte da mesma Igreja mas tem uma conotação de diálogo com os outros cristãos. A definição deixa bem claro que o ecumenismo se refere aos cristãos, então, já deixamos as outras denominações que não são cristãs e mesmo as outras duas grandes religiões o Judaísmo e o Islamismo.

“Por movimento ecumênico entendem-se as atividades e iniciativas, que são suscitadas e ordenadas, segundo as várias necessidades da Igreja e oportunidades dos tempos, no sentido de favorecer a unidade dos cristãos” (*UNITATIS REDINTEGRATIO*, 1997, 4).

“O Batismo constitui o fundamento da comunhão entre todos os cristãos, também com os que ainda não estão em comunhão plena com a Igreja Católica” (*CATECISMO IGREJA CATÓLICA*, 1997, n. 1271). Podemos dizer que este sacramento une os vários cristãos que, por diversas circunstâncias, foram dispersos, seja pelo cisma ou por outras diversas formas de divisões, todavia, estão unidos pelo fundamento de comunhão que é o Batismo.

Por isso, nas seitas onde o Batismo não é válido, nem podemos dizer que há um diálogo ecumênico, pois falta o fundamento, e nós cristãos somos unidos por meio dele, seja os que estão em comunhão com a Igreja, seja os que não possuem a comunhão plena, mas mesmo assim todos os batizados possuem certa comunhão com a Igreja, mesmo se não admitem ou não aceitam.

Ecumenismo por sua vez não é um sincretismo religioso, uma mistura de várias religiões em uma única. O Concílio e os documentos posteriores lutaram contra esta visão errada, que faz com que o Ecumenismo seja visto de forma negativa. Este foi um dos motivos de muitas pessoas, dentro da própria Igreja, terem repudiado o movimento ecumênico. “Como toda a renovação da Igreja consiste essencialmente na maior fidelidade à própria vocação, ela é, sem dúvida, a razão do movimento para a unidade” (*UNITATIS REDINTEGRATIO*, 6).

O DECRETO *UNITATIS REDINTEGRATIO*

O Decreto *UnitatisRedintegratio* sobre o Ecumenismo do Concílio Vaticano II foi promulgado pelo Papa Paulo VI no dia 21 de novembro de 1964

e, desde a sua publicação, tem sido um guia para a ação ecumênica da Igreja Católica e com base nele é que foram desenvolvidos todos os documentos posteriores. De fato, a riqueza deste documento é muito grande e foi um marco muito positivo para o desenvolvimento do diálogo ecumênico nos últimos anos.

O proêmio traz uma sobrevisão geral da relação da Igreja com as “numerosas comunhões cristãs” (DIRETÓRIO PARA A APLICAÇÃO DOS PRINCÍPIOS E NORMAS SOBRE O ECUMENISMO, 2000, 1) e demonstra a ação do Espírito Santo em todos os cristãos para fomentarem a unidade entre eles.

Pois Cristo Senhor fundou uma só e única Igreja. Todavia, são numerosas as comunhões cristãs que se apresentam aos homens como legítima herança de Jesus Cristo. Todos, na verdade, se professam discípulos do Senhor, mas têm pareceres diversos e caminham por rumos diferentes, como se o próprio Cristo estivesse dividido (ibid).

Homens fundaram outras denominações e colocam-se no mesmo patamar de Cristo que, sobre a herança de Israel, na pedra que é Pedro, fundou a única Igreja.

O capítulo primeiro trata dos princípios ecumênicos. Com base na unidade da própria Igreja é que se pode pensar nas relações com os irmãos separados e assim fazer uma tentativa de unidade, terminando com a definição de movimento ecumênico que já citamos anteriormente. Evidenciando as várias divisões que foram feitas ao longo dos séculos na caminhada da Igreja não é intenção do presente documento condenar nenhum daqueles que fundaram outras denominações, mas afirma a relação com as outras igrejas sobre a verdade vivida pela Igreja de Cristo.

O segundo capítulo trata do tema na prática. O que deve ser feito para a renovação: conversão do coração, oração, conhecimento, formação e uma verdadeira cooperação. Através destes pontos é que deve manifestar-se a ação ecumênica da própria Igreja. Nos últimos anos tem-se feito muito progresso nestes pontos, de forma especial no que concerne à oração. É

preciso que o coração convertido seja um coração orante e suplicante, pedindo luzes do Espírito Santo para que possam alcançar a graça da unidade. Os agentes da unidade devem ser formados e orientados para trabalharem com eficácia pela causa da unidade.

O último capítulo trata das Igrejas Orientais e Igrejas e Comunidades eclesiais do Ocidente, que estão separadas da Igreja Católica. O documento faz reconhecer as diferenças substanciais que as outras igrejas e comunidades eclesiais alcançaram ao longo das suas histórias, mas expõe os aspectos que podem ser usados para o diálogo, ou seja, o que ainda possuímos em comum. A reflexão séria deste capítulo levaria a uma mudança de opinião e de paradigmas em relação ao ecumenismo.

A infidelidade dos próprios membros da Igreja é um grande obstáculo pela procura da unidade. A desunião também é nossa culpa, por não vivermos unidos como irmãos, por não estabelecermos entre nós os laços de fraternidade. É necessário viver a unidade dentro da própria Igreja e só depois procurar a unidade daqueles que estão fora da Igreja. Será sempre este o nosso desafio.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS

Apresentamos um breve histórico deste dicastério da Santa Sé que promove a Unidade entre os cristãos, mostrando o grande interesse da Igreja Católica pela unidade dos cristãos:

A 5 de junho de 1960, o Papa João XXIII criou um Secretariado para promover a Unidade dos Cristãos, como organismo preparatório do Concílio Vaticano II. Confirmado pelo Papa Paulo VI, recebeu uma nova estrutura pela Constituição Apostólica *Regimini Ecclesiae Universae*, de 15 de agosto de 1967. A Constituição Apostólica do Papa João Paulo II *Pastor*

Bonus, datada aos 28 de junho de 1988, deu-lhe a estrutura atual trocando o nome Secretariado pelo de Conselho Pontifício.

O Conselho Pontifício está encarregado, em primeiro lugar, de promover, no interior da Igreja Católica, um espírito ecumênico autêntico, de acordo com o Decreto conciliar *Unitatis Redintegratio*. Assume esta tarefa em união com outros dicastérios da Cúria Romana, especialmente os que cuidam do diálogo com os diversos setores da sociedade (GUIA ECUMÊNICO, 2003,p.127).

A Igreja se organiza de forma exemplar e dedicada à causa da unidade entre os cristãos. É uma grande preocupação da Igreja e isto exige esta grande organização. E o que guia esta ação ecumênica são os documentos do Concílio Vaticano II, especialmente o decreto sobre a unidade, como já foi apresentado.

A primeira coisa em que o Pontifício Conselho está encarregado é de promover um espírito ecumênico autêntico no interior da Igreja, é necessário que os membros da Igreja possam se conscientizar da necessidade de possuírem um espírito ecumênico, saber do que isso se trata e se esforçar pela oração a suplicar a Deus pela unidade, só então deve-se passar para o diálogo fora da Igreja.

Importante trabalho deste dicastério foi a publicação do “Diretório para a aplicação dos princípios e normas sobre o ecumenismo”, documento bastante extenso, mas bem prático, que abrange o tema à luz do Concílio Vaticano II. Foi publicado pelo então Cardeal Edward Idris Cassidy, na época Presidente deste Conselho Pontifício e seu secretário D. Pierre Duprey, no ano de 1993. A edição portuguesa vem com notas explicativas para a aplicação do Diretório aqui no Brasil.

Atualizando o Concílio Vaticano II e em continuidade com ele este diretório se torna como que um norte a ser seguido em relação ao diálogo ecumênico, especialmente que não se faça nada contrário à fé, ou seja, que se evite qualquer resquício de sincretismo religioso.

Atualmente, o Presidente deste Conselho Pontifício é o Cardeal suíço Kurt Koch e o secretário o arcebispo D. Brian Farrell.

MAGISTÉRIO DA IGREJA

O mundo de hoje apresenta muitas religiões, denominações; e do ponto de vista do relativismo religioso tudo está correto, quase com este slogan: escolha você a sua religião e vá tranquilo. Não podemos ceder a isto e devemos pregar a verdade, por isso, gostaríamos de expor parte do conteúdo da Declaração *Dominus Iesus*, da Congregação para a Doutrina da Fé, para que possamos compreender de forma mais clara a situação.

Falando sobre a situação das Igrejas a presente declaração inicia falando claramente da Igreja Ortodoxa e das Igrejas Orientais que não estão em comunhão com o Papa, mas que possuem a sucessão apostólica e a Eucaristia válidas, o diálogo com estas igrejas possui mais eficácia, pois os fatores de união são bem maiores do que nas outras comunidades eclesiais. Depois afirma a verdade da única Igreja de Cristo, mostrando que as divisões não podem ser tratadas como algo correto. Esta Declaração causou muito mal-estar pela sua interpretação errônea e pela sua não aceitação, por parte até de católicos (TORNIELLI, 2006, p. 187).

As Comunidades eclesiais, invés, que não conservaram um válido episcopado e a genuína e íntegra substância do mistério eucarístico, não são Igrejas em sentido próprio. Os que, porém, foram batizados nestas Comunidades estão pelo Batismo incorporados em Cristo e, portanto, vivem numa certa comunhão, se bem que imperfeita, com a Igreja. O Batismo, efetivamente, tende por si ao completo desenvolvimento da vida em Cristo, através da íntegra profissão de fé, da Eucaristia e da plena comunhão na Igreja (*DOMINUS IESUS*, 2000, 17).

A Carta Encíclica *Ut unumsint*, continua na mesma linha dos documentos anteriores, especialmente segue à luz do Decreto do Concílio Vaticano II. É um grande marco ecumênico do pontificado de São João Pauloll.

Divide-se em três grandes capítulos: o primeiro analisa o empenho ecumênico da própria Igreja Católica, com ênfase na oração e no diálogo, mostrando que antes de qualquer tentativa se faz necessária a oração como meio para transformar os corações; o segundo trata dos frutos do diálogo, aqui damos ênfase ao crescimento da comunhão, ao progresso no diálogo e às relações eclesiais, mesmo em meio a grandes dificuldades o diálogo já produziu muitos frutos, já vistos a mais de 20 anos atrás quando este documento foi publicado e muito mais em nossos tempos; enfim o último capítulo mostra o quanto ainda é preciso caminhar, não com base numa desânimo, mas com base numa grande esperança, pois ainda que devagar, a passos lentos, qualquer êxito no diálogo já é algo muito significativo.

O que é mais presente nesta Encíclica é a esperança de que através da boa vontade e um coração aberto a divisão entre os cristãos pode ser superada: “Estes nossos irmãos e irmãs, irmanados na generosa oferta de suas vidas pelo Reino de Deus, são a prova mais significativa de que todo o elemento de divisão pode ser vencido e superado com o dom total de si próprio à causa do Evangelho” (JOÃO PAULO II, 2004, 1).

A PLURALIDADE DAS RELIGIÕES

Podemos nos confundir quanto às diversas formas de culto religioso sob as diversas nomenclaturas, por isso faz-se necessária uma explicação para sabermos com quem realmente há um ecumenismo real. Estas formas estão sob os nomes de: fenômenos religiosos contemporâneos, seitas, comunidades eclesiais, comunhões cristãs, Igrejas e tantas outras, que podem, muitas vezes, ser sinônimas, mas que devemos ter ao menos uma ideia clara sobre elas.

As numerosas comunhões cristãs, Igrejas e comunidades eclesiais

As Igrejas cristãs são:

As comunidades que reconhecem Jesus Cristo como verdadeiro Deus e verdadeiro homem, Filho unigênito do Pai Eterno; e proclamam que Ele, o Crucificado e Ressuscitado, é o único Salvador, Mediador entre Deus e os homens, Senhor glorificado do universo (DIRETÓRIO PARA A APLICAÇÃO DOS PRINCÍPIOS E NORMAS SOBRE O ECUMENISMO, 2000, p. 135).

E é com estas que podemos ter um diálogo ecumênico.

É claro que só se pode realizar um diálogo quando as duas partes são interessadas. É por isso que não é possível realizar tal diálogo com muitas outras denominações cristãs, pois elas não desejam nenhum tipo de diálogo com a Igreja Católica.

Seguindo o Guia Ecumênico, inserimos as Igrejas que batizam validamente e as que não batizam validamente:

Diversas Igrejas batizam, sem dúvida, validamente; por esta razão, um cristão batizado em uma delas não pode ser rebatizado, nem sequer sob condição. Essas Igrejas são:

- 1) Igrejas Orientais [...]
- 2) Igrejas vétero-católicas [...]
- 3) Igreja Episcopal Anglicana do Brasil e todas as Igrejas que formam parte da Comunhão Anglicana;
- 4) Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil (IECLB) e todas as Igrejas que se integram na Federação Luterana Mundial;
- 5) Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB);
- 6) Igreja Metodista e todas as Igrejas que pertencem ao Conselho Metodista Mundial (GUIA ECUMÊNICO, 2003, p. 48-49).

Segundo o Guia Ecumênico há Igrejas em que se pode duvidar da validade do Batismo, mas se a validade é comprovada, usa-se o mesmo princípio anterior, estas Igrejas são: Igrejas presbiterianas, Igrejas Batistas, Igrejas Congregacionais, Igrejas Adventistas, a maioria das Igrejas pentecostais e Exército da Salvação.

Outras igrejas devemos prudentemente duvidar da validade do batismo e outras com toda certeza batizam invalidamente.

Há Igrejas de cujo batismo se pode prudentemente duvidar e, por razão, requer-se, como norma geral, a administração de um novo batismo, sob condição: Essas igrejas são:

1) Igrejas pentecostais que utilizam a fórmula eu te batizo em nome do Senhor Jesus, como a Igreja Pentecostal Unida do Brasil ou a Congregação Cristã no Brasil

2) Igrejas Brasileiras [...]

Com certeza, batizam invalidamente:

1) Mórmons

2) Testemunhas de Jeová

3) Ciência Cristã

4) Certos grupos não propriamente cristãos, como a Umbanda (ibid,p. 49-50).

As Igrejas Orientais

A primeira separação que houve na Igreja foi no século V; por causa da doutrina, os nestorianos e os monofisitas saíram da comunhão da Igreja, são os chamados, de acordo com Bettencourt, heterodoxos.

A Igreja no Oriente, com sede em Constantinopla, separou-se no ano de 1054 da Igreja de Roma, formando assim um cisma, que ainda dura até os nossos dias, originando o que comumente chamamos de Igreja Ortodoxa.

O protestantismo tradicional

Apesar de existirem algumas seitas de cunho protestante ou que popularmente são chamadas de 'igrejas protestantes', é preciso caracterizar o protestantismo tradicional separadamente, por causa das Igrejas cristãs que são nelas incluídas e com as quais é possível fazer um diálogo ecumênico. Sobre as Igrejas tradicionais podemos dizer que:

É um movimento 'reformador' da Igreja que teve início no século XVI e hoje existe sob a forma de centenas de denominações independentes umas das outras.

O tradicional compreende três grandes comunidades:

- a luterana, derivada de Martinho Lutero (1483-1546), que começou a se insurgir contra a autoridade da Igreja em 1517;

- a calvinista (que absorveu o zvinglianismo ou a reforma de Ulrico Zvinglio em Zürich, Suíça), movimento afim ao de Lutero, empreendido por João Calvino (1509-64) em Genebra, Suíça;
- a anglicana, na qual distinguem a *High Church* (Alta Igreja) e a *Low Church* (Baixa Igreja) (BETTENCOURT, 1999, p. 19).

Seitas e fenômenos religiosos contemporâneos

O Guia Ecumênico diz que a palavra seita significa etimologicamente, uma coisa separada, cortada (do latim *secta* = cortada).

O documento do CELAM, em Santo Domingo, fala de maneira forte, mas verdadeira sobre estas seitas e com muita propriedade:

As seitas fundamentalistas são grupos religiosos que insistem em que só a fé em Jesus Cristo salva e que a única base da fé é a Sagrada Escritura, interpretada de maneira pessoal e fundamentalista, portanto com a exclusão da Igreja, e a insistência da proximidade do fim do mundo e do juízo próximo¹⁵ (CELAM, 1994, p. 669).

Alguns exemplos destas seitas nos dias atuais, podemos dizer que são as igrejas pentecostais e neopentecostais como: Assembleia de Deus, Congregação Cristã no Brasil, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Universal do Reino de Deus, Árvore da Vida, Adhonet, dentre outras várias, até milhares de denominações, como falam BETTENCOURT e AQUINO.

Dentro destas seitas em seu livro *Falsas doutrinas, seitas e religiões* o Prof. Filipe Aquino trata de muitas correntes ou fenômenos religiosos contemporâneos que podemos elencar neste ponto.

Cabe distinguir várias correntes ou tipos de fenômeno:

- a) Formas paracristãs ou semicristãs, como Testemunhas de Jeová e Mórmons.
- b) Formas esotéricas que buscam uma iluminação especial e compartilham conhecimentos secretos e um ocultismo religioso. Tal é o caso de correntes espíritas, Rozas-cruzes, gnósticos, teósofos etc.;

¹⁵Tradução nossa. Original: Las sectas fundamentalistas son grupos religiosos que insisten en que solo la fe en Jesu Cristo salva y que la única base de la fe es la Sagrada Escritura, interpretada de manera personal y fundamentalista, por lo tanto con exclusión de la Iglesia, y la insistencia en la proximidad del fin del mundo y del juicio próximo.

- c) Filosofias e cultos com facetas orientais mas que rapidamente estão adequando-se ao nosso continente, tais como Hare Krishna, a Luz Divina, Ananda Marga e outros, que trazem um misticismo e uma experiência [sic!] de comunhão;
- d) grupos derivados das grandes religiões asiáticas, quer seja do budismo (seicho no iê etc.), do hinduísmo (yoga etc.), ou do islã (baha'i);
- e) Empresas sócio religiosas, como a seita Moon ou a Nova Acrópolis, que têm objetivos ideológicos e políticos bem precisos;
- f) Uma multidão de centros de “cura divina” ou atendimento aos mal-estares espirituais e físicos de gente com problemas e de pobres. Esses cultos terapêuticos atendem individualmente a seus clientes (AQUINO, 2005, p. 34).

O Papa João Paulo II falando das seitas diz: “A expansão dessas seitas constitui uma ameaça para a Igreja Católica e para todas as comunidades eclesiais com quem ela mantém um diálogo” (JOÃO PAULO II, 2003, 50). No contexto do número citado o Papa alerta para onde for possível que se possa fazer um diálogo ecumênico.

Com quem fazemos ecumenismo?

O ecumenismo é feito apenas com os cristãos, no entanto, existem muitas dificuldades para definir a forma correta: como fazer e com quem fazer. Algumas citações poderão dar-nos uma luz.

Dentro do novo pluralismo religioso em nosso continente, não se tem diferenciado suficientemente os cristãos que pertencem a outras igrejas ou comunidades eclesiais, tanto por sua doutrina como por suas atitudes, dos que fazem parte da grande diversidade de grupos cristãos (inclusive pseudo-cristãos) que se têm instalado entre nós. Isso porque não é adequado englobar a todos uma só categoria de análise. Muitas vezes não é fácil o diálogo ecumênico com grupos cristãos que atacam a Igreja Católica com insistência (DOCUMENTO DE APARECIDA, 1997, 99).

E Pe. Jesús Hortal vai ainda mais longe:

Embora nos capítulos anteriores já tenhamos incluído grupos que não são propriamente cristãos – Mórmons, Testemunhas de Jeová, Ciência Cristã, Meninos de Deus –, fizemo-lo porque se trata de movimentos religiosos surgidos basicamente no
De Magistro de Filosofia – ano XI no. 23 – 2018

seio das confissões cristãs. Além desses, porém, há outros grupos que buscam sua inspiração originária em outras religiões, acrescentando alguns elementos aparentemente cristãos. Pode-se dizer, com toda a verdade, que, no fundo, são grupos neopagãos, já que lhes falta o conceito cristão de Deus, substituído, na maior parte dos casos, por ideias de cunho panteísta ou até – como no caso de alguns cultos afro-brasileiros – politeísta (HORTAL, 1996, p. 90).

Então, o ecumenismo pode ser realizado apenas com aquelas Igrejas ou comunidades eclesiais onde o Batismo é ministrado validamente, pois a característica mais básica dos cristãos é o sacramento do Batismo. E são com os batizados que podemos realizar um diálogo ecumênico.

O ECUMENISMO NO BRASIL

No Brasil também existem muitos esforços naquilo que diz respeito ao diálogo ecumênico e inter-religioso e também algumas obras publicadas que podem ser usadas como aprofundamento do tema, de forma especial a do Pe. Elias Woff assessor da CNBB para o diálogo ecumênico (WOLFF, 2004).

O trabalho ecumênico é bem complexo, muito mais do que podemos imaginar, mas a CNBB, desde o início de sua abertura ao diálogo, tem feito um grande trabalho. Seguindo o autor citado a pouco, queremos expor alguns pequenos traços desta atividade ecumênica.

No Brasil existe o Conselho Nacional das Igrejas Cristãs (CONIC), composto de cinco Igrejas e que juntas desenvolvem um trabalho em prol da unidade dos cristãos.

O CONIC foi fundado em 1982. Define-se como uma associação fraterna de Igrejas que confessam o Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador. Sua missão é servir às Igrejas cristãs no Brasil, na vivência da comunhão em Cristo, na defesa da integridade da criação, promovendo a justiça e a paz para a glória de Deus. Atualmente, fazem parte do CONIC:

Igreja Católica Apostólica Romana, Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Igreja Presbiteriana Unida do Brasil, Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia (CAMPANHA DA FRATERNIDADE ECUMÊNICA, 2010, p. 13).

É preciso louvar esta atitude das Igrejas cristãs no Brasil de se unirem para fazerem uma ação em conjunto e assim caminharem, ainda que a passos pequenos, rumo à unidade tão querida por Jesus e por nós.

As Igrejas fundadoras do CONIC são: a Igreja Católica Apostólica Romana, a Igreja Cristã Reformada do Brasil, a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e a Igreja Metodista.

O CONIC é membro de dois outros conselhos: o Conselho Mundial de Igrejas (CMI) e o Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI).

O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

Entendemos por diálogo inter-religioso o diálogo feito com os membros de outras confissões religiosas que não são cristãs, especialmente as outras duas religiões monoteístas: Judaísmo e Islamismo, as outras religiões, porém, não são excluídas.

O Guia Ecumênico da CNBB diz o seguinte sobre o diálogo inter-religioso:

Todos os que admitem Deus e que guardam em suas tradições preciosos elementos religiosos e humanos desejam que um diálogo aberto nos leve todos a aceitar fielmente os impulsos do Espírito Santo e a cumprí-los com entusiasmo. O desejo de tal diálogo que é guiado somente pelo amor à verdade, observada a devida prudência de nossa parte, não exclui ninguém (GUIA ECUMÊNICO, 2003, 149).

E ainda nos fala o Documento de Aparecida que:

O diálogo inter-religioso, em especial com as religiões monoteístas, fundamenta-se justamente na missão que Cristo nos confiou, solicitando a sábia articulação entre o anúncio e o diálogo como elementos constitutivos da evangelização. Com tal atitude, a Igreja, sacramento universal da salvação, reflete a luz de Cristo que ilumina a todo homem (Jo 1, 9). A presença da Igreja entre as religiões não cristãs é feita de empenho, discernimento e testemunho, apoiados na fé, esperança e caridade teologais (DOCUMENTO DE APARECIDA, 2007, 237, p. 111).

A Igreja procura unir a todos, pois Deus criou todos nós para sermos irmãos, por isso ninguém é discriminado por ela. Importante é salientar que o diálogo é guiado pelo amor à verdade, isto quer dizer que a Igreja não comunga dos erros dos outros e não vela estes erros, mas quando se fala em diálogo o que interessa é aquilo que une as religiões.

Podemos assinalar que as condições essenciais para um verdadeiro diálogo seriam: “a humildade, o reconhecimento do valor da alteridade, a fidelidade à tradição, a abertura à verdade e a capacidade de compaixão” (HEERDT, BESEN E COPPI, 1993, p. 210).

Para o ecumenismo existe o Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos e para o diálogo inter-religioso existe o Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso, que se empenha para o diálogo com as outras religiões, especialmente os judeus e os muçulmanos, como já falamos. Existe neste Conselho Pontifício uma comissão especial para o diálogo com os muçulmanos. Para o diálogo com os judeus a comissão especial está vinculada ao Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos.

O atual prefeito deste dicastério é o Cardeal Jean-Louis Pierre Tauran e o secretário o Arcebispo D. Pier Luigi Celata.

O Concílio Vaticano II publicou um Decreto sobre o Diálogo Inter-Religioso, o Decreto *Nostra Aetate*.

Todos os povos constituem, com efeito, uma só comunidade: têm uma só origem, já que foi Deus quem fez habitar toda a

De Magistro de Filosofia – ano XI no. 23 – 2018

raça humana sobre a face da terra; têm também um só fim último, Deus, cuja providência, testemunhos de bondade e desígnios de salvação se estendem a todos, até que os eleitos se reúnam na Cidade santa, que a glória de Deus iluminará e onde todos os povos caminharão à sua luz (*Nostra Aetate*, 1997, 1).

O texto fala das grandes religiões: Judaísmo e Islamismo, mas também do Hinduísmo, Budismo e outras religiões universalistas.

A Igreja católica não rejeita nada que seja verdadeiro e santo nestas religiões. Considera com sincero respeito esses modos de agir e viver, esses preceitos e doutrinas, que, embora em muitos pontos difiram do que ela mesma crê e propõe, não raro refletem um raio daquela Verdade que ilumina todos os homens. No entanto, ela anuncia, e é obrigada a anunciar a Cristo, que é 'caminho, verdade e vida' (Jo 14, 6), no qual os homens encontram a plenitude da vida religiosa e no qual Deus reconciliou a si todas as coisas (*Nostra Aetate*, 2).

A Igreja não força a ninguém, não faz proselitismo para a conversão das pessoas, trabalha na questão da evangelização, prega verdade que possui, mas no final, todos são livres para escolher o caminho que desejam seguir.

A Declaração *Dominus Iesus* a respeito das diversas religiões fala bem claro que a Igreja não é apenas mais um caminho de salvação ao lado de muitos, mas sim o caminho pelo qual o desígnio misterioso de Deus usa para também oferecer a salvação para os outros homens de boa vontade.

Quanto ao *modo* como a graça salvífica de Deus, dada sempre através de Cristo no Espírito e em relação misteriosa com a Igreja, atinge os não cristãos, o Concílio Vaticano II limitou-se a afirmar que Deus a dá por caminhos só por Ele conhecidos. [...] Todavia, de quanto acima foi dito sobre a mediação de Jesus Cristo e sobre a relação única e singular que a Igreja tem com o Reino de Deus entre os homens - que é substancialmente o Reino de Cristo Salvador universal -, seria obviamente contrário à fé católica considerar a Igreja como 'um caminho' de salvação ao lado dos constituídos pelas outras religiões, como se estes fossem complementares à Igreja, ou até

De Magistro de Filosofia – ano XI no. 23 – 2018

substancialmente equivalentes à mesma, embora convergindo com ela para o Reino escatológico de Deus (*Dominus Iesus*, 2000, 21).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Igreja promove o diálogo ecumênico não por capricho, mas recebeu do próprio Jesus este mandato quando Ele rezou por seus discípulos e assim por toda a humanidade, “Para que eles sejam um” (Jo 17, 11).

Reunimos diversas informações sobre a temática do Ecumenismo e assim oferecemos as verdadeiras distinções, especialmente entre Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso.

Ecumenismo é o diálogo com os cristãos e Diálogo Inter-religioso é o diálogo com as outras religiões.

Esperamos que a caminhada ecumênica continue sempre como uma das metas principais da Igreja e para que, o quanto antes, possamos restaurar esta unidade tão desejada e tão necessária.

Que os homens de boa vontade empenhem-se em viver neste mundo como irmãos, seguindo o ensinamento de Cristo, fazendo deste mundo uma grande casa de fraternidade.

Que possamos sempre dirigir ao Pai preces pela unidade de toda a humanidade e sejamos um com Cristo e o Pai, unidos pelo Espírito Santo.

O diálogo é algo de fundamental importância para qualquer relacionamento, de forma especial dentro da Igreja. Pesquisar e descobrir mais sobre o ecumenismo faz-nos olhar de forma diferente para as iniciativas ecumênicas e até tentar promover estas tentativas no trabalho pastoral.

IN SEARCH OF UNITY: ASPECTS OF ECUMENISM AND INTER-RELIGIOUS DIALOGUE

Abstract

This article presents some aspects of ecumenism, which is the church's relationship with Christians and some aspects of inter-religious dialogue. Based on documents of Vatican II Council and on the Church's Magisterium Documents, this article reveals the benefits and harms of ecumenical dialogue that started many years ago and has intensified today. The research resulted from combination of thoughts of several authors and from emphasis on the ecumenical progress in Brazil through the National Conference of Bishops. The main emphasis will be on the ecumenism and consequently was treated inter-religious dialogue.

Keywords: ecumenism, inter-religious dialogue, unity, Christians, religions.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AQUINO, Filipe. *Falsas doutrinas: seitas & religiões*. São Paulo: Cléofas, 2005.
- BETTENCOURT, Estêvão Tavares. *Crenças, religiões, igrejas & seitas: quem são?*. Santo André: Ed. O mensageiro de Santo Antônio, 1999.
- _____, Estêvão Tavares. *Diálogo Ecumênico: temas controvertidos*. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1986.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução da CNBB, Edições CNBB e Editora Canção Nova, Brasília: 2007.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Editora Vozes e Edições Loyola, 1993.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DO ESPICOPADO LATINO AMERICANO. *Documento de Aparecida*. São Paulo: Edições CNBB-Paulus-Paulinas, 2007.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Guia ecumênico*. São Paulo: Paulus, 2003.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Texto Base da Campanha da Fraternidade 2006*. São Paulo: Editora Salesiana, 2006.
- CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Declaração Dominus Iesus*. <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20000806_dominus-iesus_po.html>, acesso em 20 de março 2015.
- CONSEJO EPISCOPAL LATINOAMERICANO. *Conferencias Generales Del Episcopado Latinoamericano, Rio de Janeiro, Medellin, Puebla, Santo Domingo, Bogotá*. CELAM, 1994.
- CONSELHOS NACIONAL DAS IGREJAS CRISTÃS DO BRASIL. *Texto Base da Campanha da Fraternidade Ecumênica 2010*. Brasília: Edições CNBB, 2010.

CONSELHO PONTIFÍFICO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS. *Diretório para a aplicação dos princípios e normas sobre o ecumenismo*. São Paulo: Paulinas, 2000.

DOCUMENTO DO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei Verbum*. São Paulo: Paulus 1997.

_____. *Declaração Nostra Aetate*. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. *Decreto Unitatis Redintegratio*. São Paulo: Paulus, 1997.

EICHER, Peter. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. Trad. José Rezende Costa, São Paulo: Paulus, 1993.

HEERDT, MAURI LUIZ; BESEN, José Artulino & COPPI, Paulo de. *O Universo religioso : as grandes religiões e tendências religiosas atuais*. São Paulo: Editora Mundo e Missão, 2005.

HORTAL, Jesús. *E haverá um só rebanho: história, doutrina e prática católica do Ecumenismo*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

JOÃO PAULO II, *Carta encíclica: Redemptoris Missio*. São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. *Carta encíclica: Ut unum sint*. São Paulo: Paulinas, 2004.

_____. *Constituição Apostólica Pastor Bonus*, art. 159-162. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jp-iiapc_19886028_pastor-bonus.html>, acesso em 20 março 2015.

VILLAIN, Maurice. *Introdução ao ecumenismo*. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1962.

WOLFF, Elias. *O Ecumenismo no Brasil: uma introdução do pensamento ecumênico da CNBB*. São Paulo: Paulinas, 2004.